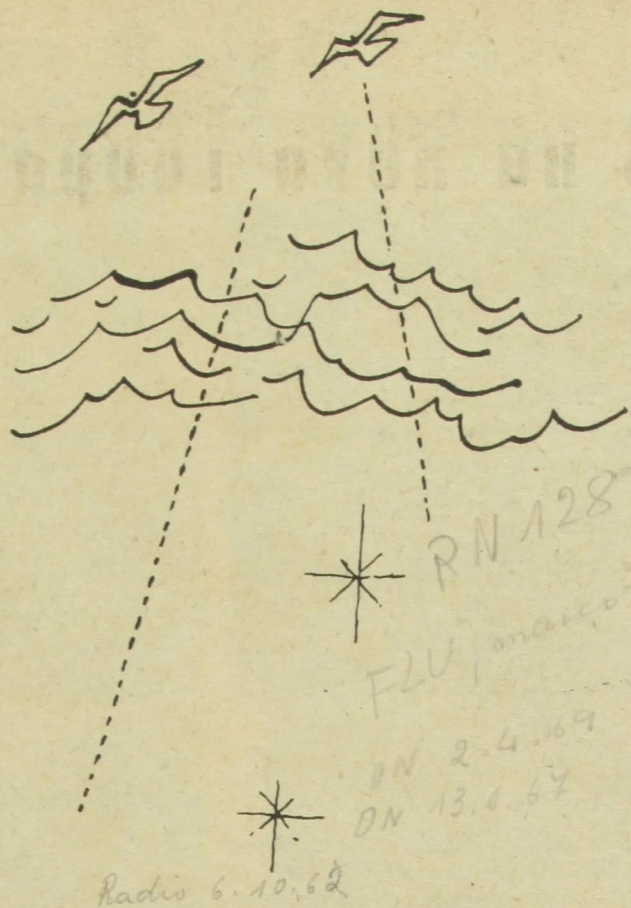


# de Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



## O momento vazio

Então tudo ficou vazio. Não, não é isto, era muito mais grave ainda : tudo era vazio; apenas o que aconteceu foi que a dolorosa, a insuportável coincidência disso ficou tão nítida que paralisou o homem. Nenhum sentido em seu trabalho nem em sua vida; nenhum sentido nos louvores nem nas censuras. A máscara que os outros lhe haviam pôsto ou que lentamente, ao sabor das circunstâncias, êle se tinha composto para os outros, lhe pareceu de repente uma coisa tão falsa, tão vã; mas quando quis saber qual era sua verdadeira face, qual era sua própria verdade, não encontrou mais nada.

Compreendeu que aquela máscara era, ou ficara sendo, sua única verdade, embora ela própria fôsse falsa; se a sua própria vida era uma contrafação, a máscara era legítima. Vivera antes talvez com uma noção vaga, quase inconsciente, de que havia em si mesmo duas pessoas — uma era aquela de uso diário, a outra era a autêntica. Foi naquele instante que teve a intuição de que a autêntica não existia, ou existia tão misturada com a outra que não era mais possível separar: perdera-se, gastara-se em antigas lutas, em antigas paixões, no longo hábito de viver.

Um homem se recolhe, está só, em um quarto fechado, diante do espelho. Então acende tôdas as luzes e se olha bem ao espelho. Então procura retirar a máscara. E descobre que ela já aderiu ao seu rosto, que ela é seu próprio rosto — descobre que não há máscara, ou que não há rosto verdadeiro. O tecido é todo um, tudo se trança na mesma trama, o que foi vindo de fora e o que foi vindo de dentro. Então êle apaga as luzes e procura pensar, procura sentir alguma coisa de si mesmo, um motivo para viver ou para morrer; e sente o grande vazio.

“Sem chorar nem rir; nem rir nem chorar”, como em um esquecido brinquedo infantil! Poderia ir até a vitrola, pôr um disco; a música tem um poder mecânico sôbre a alma, um poder ao mesmo tempo profundo e leviano. Mas ficou parado, como um ferido que se sente incômodo e insone em seu leito mas procura não mover o corpo para evitar sentir uma dor; como alguém que procura se instalar no próprio desconforto e no próprio tédio. Ficou parado, humildemente parado.

Foi então que o telefone bateu.

A poesia é necessária

## BUSCA

MACEDO DE MIRANDA

No fundo do mais profundo  
Mar que existe neste mundo  
É que te fui procurar.  
E, para minha surpresa,  
Por minha mágoa e tristeza,  
Tu não estavas no mar.

Longes tão longes andei,  
Que nem sei como voltei,  
Sem nem tão longe te achar.  
Babilônia percorri  
De moto, de avião, de esqui :  
Nem no tempo nem no mar !

Como saber que não eras  
De Nínive ou de Campinas,  
Mas que simplesmente esperas  
Por mim, entre outras meninas  
(Onde estão ?), na rua triste,  
Que nem mais sequer existe,  
Cantando o doce cantar  
Dos cantos de naufragar ?

(Do livro “Litoral dos Médos”)

